

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

PAULO ANDRÉ HONORIO VIEIRA JUNIOR

**O APERFEIÇOAMENTO DO EXÉRCITO BRASILEIRO NAS OPERAÇÕES EM
ÁREAS EDIFICADAS DESDE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)**

Resende

2019

	APÊNDICE III (TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL) AO ANEXO B (NITCC) ÀS DIRETRIZES PARA A GOVERNANÇA DA PESQUISA ACADÊMICA E DA DOCTRINA NA AMAN	AMAN 2019
---	--	----------------------

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL

TÍTULO DO TRABALHO: O Aperfeiçoamento do Exército Brasileiro nas Operações Em Áreas Edificadas desde a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

**AUTOR:
Paulo André Honorio Vieira Junior**

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

Autorizo a AMAN a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em revista técnica da Escola ou outro veículo de comunicação do Exército.

A AMAN poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino da AMAN.

Resende, 19 de Junho de 2019

Cad Paulo André Honorio Vieira Junior

PAULO ANDRÉ HONORIO VIEIRA JUNIOR

**O APERFEIÇOAMENTO DO EXÉRCITO BRASILEIRO NAS OPERAÇÕES EM
ÁREAS EDIFICADAS DESDE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Academia Militar das Agulhas Negras como
parte dos requisitos para a Conclusão do Curso
de Bacharel em Ciências Militares, sob a
orientação do 1º Ten Inf Leonardo de Assis
faria da Silva

Orientador: Leonardo de Assis Faria – 1º Ten Inf

Resende

2019

PAULO ANDRÉ HONORIO VIEIRA JUNIOR

**O APERFEIÇOAMENTO DO EXÉRCITO BRASILEIRO NAS OPERAÇÕES EM
ÁREAS EDIFICADAS DESDE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Academia Militar das Agulhas Negras como parte
dos requisitos para a Conclusão do Curso de
Bacharel em Ciências Militares, sob a orientação
do 1º Ten Inf Leonardo de Assis Faria da Silva.

Aprovado em _____ de _____ de 2019:

Banca examinadora:

Leonardo de Assis Faria – 1º Ten Inf

(Presidente/Orientador)

Yuri Soares de Carvalho – 1º Ten

Pedro Lorenzoni – 1º Ten

**Resende
2019**

Dedico essa monografia aos meus pais, que sempre me deram o suporte e as melhores condições para seguir no caminho que escolhi e a o meu orientador, Tenente Faria, que sempre esteve pronto e disposto a me ajudar.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus pela oportunidade de poder seguir a carreira militar com saúde e vontade, e mesmo em meio às diversas dificuldades eu pude prosseguir com glórias.

Aos meus pais, que me apoiaram durante toda minha vida.

Ao 1º Tenente Faria, meu orientador, que se esforçou, dedicando parte do seu tempo para me auxiliar nessa monografia.

RESUMO

O APERFEIÇOAMENTO DO EXÉRCITO BRASILEIRO NAS OPERAÇÕES EM ÁREAS EDIFICADAS DESDE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945).

AUTOR: Paulo André Honorio Vieira Junior

ORIENTADOR: Leonardo de Assis Faria

A presente monografia tem o objetivo de mostrar ao leitor como se deu a evolução nas operações em área edificada desde a Segunda Guerra Mundial, que foi um dos primeiros contatos que a nossa Força Armada teve com o ambiente urbano, através da Força Expedicionária Brasileira (FEB). A pesquisa é baseada, principalmente, em obras de autores que possuem vasta experiência na Segunda Guerra ou comandaram diversos tipos de frações na Itália. Apresenta também as diferenças de equipamento e material utilizado nas áreas edificadas da Itália, na Segunda Guerra Mundial, com os que usamos nos dias de hoje, nas diversas operações urbanas e como a doutrina de combate no ambiente urbano tem evoluído, atualmente, no Brasil

Palavras-chaves: FEB, Área Edificada, Combate Urbano.

ABSTRACT

THE IMPROVEMENT OF THE BRAZILIAN ARMY IN THE OPERATIONS IN BUILD AREAS SINCE WORLD WAR II (1939-1945).

AUTHOR: Paulo André Honorio Vieira Junior

ADVISOR: Leonardo de Assis Faria

This monograph aims to show the reader how the evolution of operations in a build area since World War II, which was on od the first contacts that our Armed Forces had with the urban environment, through the Brazilian Expeditionary Force (FEB). The research is based mainly on works by authors who have extensive experience in World War II or commanded several types of fractions, in Italy. It also presents the differences in equipment and materials used in the built-up areas of Italy, in World War II, with what we use today, in various urban operations, and how doctrine of combat in the urban environment has been dealt with in Brazil.

Keywords: FEB, Build Area, Urban Combat.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	9
2REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.	10
2.1 Revisão da literatura e antecedentes.....	11
2.2Referencial metodológico e procedimentos	12
3.EVOLUÇÃO DA DOUTRINA DE COMBATE URBANO DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945).....	13
4.A COMPLEXIDADE DO COMBATE EM ÁREA EDIFICADA.....	15
5.PREPARAÇÃO DOS MILITARES DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA.....	20
5.1 Preparação dos pracinhas em solo nacional.....	21
5.2 Preparação dos pracinhas em solo italiano.....	22
6.COMPARAÇÃO QUANTO AO MATERIAL.....	25
6.CONCLUSÃO.....	26
7.REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o tema Combate em área edificada, tem adquirido importância, pois, o Exército Brasileiro tem desencadeado muitas operações nesse tipo de ambiente tanto no interior do Brasil como no exterior como por exemplo no Haiti, e quando relacionamos com a atuação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, vemos a semelhança nos confrontos vividos na Itália por causa do terreno acidentado, a própria área edificada como zona de combate e uso de um grande letalidade no armamento.

Seu estudo é relevante para o meio militar, uma vez que é importante que o conheçamos a história do Exército e que a muito tempo operações em ambiente urbano já vem sendo efetuadas e por causa dos êxitos ou erros a doutrina, técnicas táticas e procedimentos vem se aperfeiçoando até chegar nas que usamos hoje.

A presente pesquisa busca tratar do tema sob a perspectiva da evolução das operações em área edificada que ocorreu desde a Segunda Guerra Mundial (1944-1945), que serviu como grande embate para descobrir as características necessárias para se adaptar ao ambiente urbano.

Delimitamos o nosso foco de pesquisa no aperfeiçoamento das operações do nosso exército em área edificada desde a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), para isso levamos em condições diversos fatores como Táticas Técnicas e Procedimentos (TTP), equipamento e adestramento da tropa brasileira nos combates.

Faz-se necessário definirmos alguns conceitos que entendemos como fundamentais para o desenvolvimento do assunto.

“A situação de Guerra é aquela na qual o poder militar é empregado na plenitude de suas características para a defesa da pátria, principal e mais tradicional missão das forças armadas e para a qual devem estar permanentemente preparadas”. Já a situação de Não Guerra é aquela na qual o poder militar é empregado de forma limitada, no âmbito interno e externo, sem que envolva o combate propriamente dito, exceto em circunstâncias especiais. Normalmente, o poder militar será empregado em ambiente interagências, podendo não exercer o papel principal. (BRASIL, 2017, p.2-8)

Operação em área edificada é aquela realizada com o propósito de obter e manter o controle de parte ou de toda uma área edificada, ou para negá-la ao inimigo. Neste contexto, áreas edificadas são aquelas em que estão inseridos elementos distintos que se inter-relacionam de forma intensa, tais como: população, infraestruturas, terreno, meios de comunicação de massa. Áreas edificadas caracterizam-se como acidentes capitais, normalmente, em função do controle de vias de transporte e passagem sobre rios obstáculos, de domínio de vias fluviais navegáveis, da existência de um porto ou aeroporto,

da existência de parque industrial e tecnológico, dentre outros. (BRASIL, 2017, p.4-12)

Nossos objetivos foram mostrar a importância dos combates da Segunda Guerra Mundial para que fosse dada maior atenção para a doutrina de confronto em área edificada no Brasil.

Nossas principais fontes foram o livro “A FEB pelo seu comandante” de J. B. Mascarenhas de Moraes, que mostra de maneira fiel, a experiência que a tropa brasileira adquiriu. Podemos observar através do General Mascarenhas de Moraes os detalhes desde a dificuldade de preparação dos pracinhas, até às conquistas brasileiras nos diversos ataques à Monte Castelo, passando pela mudança tanto de material militar quanto de técnicas, táticas e procedimentos.

A presente monografia está assim estruturada:

No primeiro capítulo, procuramos mostrar um pouco da evolução da doutrina geral de combate brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. Para a elaboração deste capítulo utilizamos como fontes principais o artigo científico “Da Influência Francesa à Norte-Americana: Análise da Blitzkrieg na Revista A Defesa Nacional (1936-1944)” de João Rafael Gualberto De Souza Moraes e Vágner Camilo Alves.

O segundo capítulo traz explica um pouco das dificuldades que temos no combate urbano. As principais fontes utilizadas foram o manual “EB70-CI-11.408:O pelotão de fuzileiros no combate em área edificada” do Exército Brasileiro

No terceiro capítulo apresentamos como ocorreu a preparação do soldado brasileiro para na Itália, já que se tratava de uma mudança de ambiente operacional, material e técnicas. Utilizamos como fonte a obra A FEB pelo seu Comandante, do Marechal Mascarenhas de Moraes.

No quarto e último capítulo comparamos alguns aspectos da FEB como as tropas de hoje. Utilizamos como fonte tanto o livro a FEB pelo seu Comandante, quanto os manuais IP 90-1 – Canhão sem recuo 84 mm (CSR 84 mm) - CARL GUSTAF do Exército Brasileiro.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nosso tema de pesquisa insere-se na linha de pesquisa História Militar e na área de estudo Evolução Doutrinária. Dentro dessa área, abordaremos como se desenvolveu o

aperfeiçoamento do Brasil nas Operações em Área Edificada desde de a Segunda Guerra Mundial, além da evolução utilizado nesse ambiente até os dias de hoje.

2.1 Revisão da literatura e antecedentes do problema

Em 1942 o Brasil declarou guerra à Alemanha e Itália, conforme o seguinte trecho. Contudo, não obstante as providências tomadas, já em agosto de 1942, o número e navios mercantes nacionais torpedeados e afundados pelos submarinos nazifascistas beirava uma dezena.

Exatamente nessa época, a desfaçatez dos submersíveis “eixistas”, em repetidos e traiçoeiros ataques à nossa Marinha Mercante, atingiu um clímax intolerável ao brio nacional, com o torpedeamento, no breve espaço de dois dias de cinco vapores, à vista de nossas praias e em requintes de inacreditável vileza (J. B. Mascarenhas de Moraes, 2005, p. 24-25)

Foi então criada, pelo General Eurico Gaspar Dutra, a Força Expedicionária Brasileira. Tratava-se, sem dúvida, da criação de um instrumento militar nacional destinado a desagrar a ofensa e a cooperar com as Nações Unidas na missão de destruir o inimigo comum. (J. B. Mascarenhas de Moraes, 2005, p. 25)

O Brasil teve muitas dificuldades quanto ao preparo da tropa pois vinha sendo instruída pela missão militar francesa e teve que adequar todo seu preparo com os ensinamentos da “escola norte-americana”.

Há longos anos o Exército Brasileiro vinha sendo instruído por uma operosa missão militar francesa. Sua organização, seus regulamentos e seus processos de combatem eram baseados na chamada “escola francesa”. De repente, quase da noite para o dia, dentro da antiga moldagem e no quadro da doutrina gaulesa, surgia a tarefa de constituir uma divisão de Infantaria, com a organização norte-americana. E, além disso instruí-la e adestrá-la segundo os métodos, processos e meios norte-americanos. (J. B. Mascarenhas de Moraes, 2005, p.28)

Outra dificuldade foi a seleção do pessoal, tendo em vista que os brasileiros não têm um físico muito robusto.

Outra dificuldade por vencer foi a seleção física do pessoal. O brasileiro, de um modo geral, não é um homem robusto, embora seja resistente. A esse embaraço adicionava-se a necessidade de uma seleção, visando à escolha de homens aptos para o combate em clima e ambiente totalmente diversos daqueles a que estavam habituados. A questão da robustez física do expedicionário era, em última análise, fundamental. Verificáramos, meditando sobre o feliz sucesso das então recentes operações extracontinentais, que os norte-americanos se adaptavam com certa facilidade a todos os climas. Qualquer que fosse a área da Europa, África,

Ásia e América, sob temperaturas elevadas ou intenso frio, realizaram satisfatoriamente as missões que lhes foram confiadas, sem visível perda de rendimento físico. Dessa meditação decorreu o ensinamento de que as ações militares contemporâneas repousam na constante robustez física dos homens. (J. B. Mascarenhas de Moraes, 2005, p.28)

2.2 Referencial metodológico e procedimentos

Visando a identificar o aperfeiçoamento do Exército Brasileiro no combate em área edificada, comparando-se com situações de conflito recente formulamos o seguinte problema de pesquisa: Como se deu o aperfeiçoamento da tropa brasileira no combate em ambiente urbano desde a Segunda Guerra Mundial?

Para nortear a pesquisa e referenciá-la, mostrando assim as evoluções até o exército de hoje, passaremos por uma linha cronológica que vai desde a preparação do soldado brasileiro na FEB até como nosso exército opera atualmente com suas Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) em área edificada.

Partimos da hipótese que o combate em área urbana na FEB foi o estopim para que se desse maior importância para esse ambiente e procurasse desenvolver novas doutrinas e materiais que possibilitasse melhor condições do militar combater nesse cenário.

Nossos objetivos foram: analisar como se deu a mudança de doutrina do Brasil antes da 2ª Guerra Mundial, analisar como ocorreu a preparação dos pracinhas para os combates na Itália, comparar aspectos como material e equipamento, técnicas, táticas e procedimentos e adestramento da tropa brasileira no combate em ambiente urbano na 2ª Guerra Mundial e atualmente.

Em nosso trabalho, realizamos uma pesquisa explicativa que visa identificar seu houveram fatores do combate urbano da FEB na Itália, que influenciaram a evolução da doutrina de combate urbano até os dias de hoje no Brasil, mesmo hoje, na sua maioria, o Exército Brasileiro estar empregado em Operações de Não Guerra, diferente do contexto da 2ª Guerra Mundial, na qual tinha todo seu poder militar empregado, caracterizando Operações de Guerra.

Primeiramente, realizamos uma pesquisa bibliográfica visando a rever a literatura que nos fornecesse base teórica para prosseguirmos na pesquisa. Desse levantamento, destacam-se primeiramente o contexto histórico em que o Brasil vivia antes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no qual tinha seu exército guiado pela Doutrina Militar Francesa e pouco antes de entrar no campo de batalha teve de mudar tanto nos aspectos teóricos e técnicos, quanto no aspecto do material e pessoal da tropa americana, além do novo terreno que estariam atuando. Após essa análise históricas, vamos comparar os aspectos TTP

e material utilizados pelos Brasileiros na Itália, quanto hoje nas Operações em Área Edificada e encerrar como uma conclusão.

3 EVOLUÇÃO DA DOCTRINA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

Uma das dificuldades do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi a questão da rápida adaptação à doutrina norte-americana, pois na época o Brasil ainda utilizava a educação militar pautada na Missão Militar Francesa(MMF).O motivo de escolher pela França foi que na época era considerado um modelo de força militar e tinha acabado de derrotar a Alemanha na Primeira Guerra Mundial, então em 1921 começou a MMF.

Desde antes da 1ª Guerra Mundial o governo brasileiro vinha estudando a possibilidade de receber uma missão militar estrangeira para modernizar seu Exército, de preferência, alemã, em razão da afinidade do presidente Hermes da Fonseca com os germânicos. Mas devido à influência paulista - que logrou aproximar o presidente a adidos franceses - e a guerra, essa opção desgastou-se politicamente, até se tornar inviável em virtude da derrota alemã, em 1918.

Com isso, a França, vitoriosa na guerra, foi o país escolhido, não apenas por ser considerado, àquela época, modelo em excelência militar, mas também devido a experiências pregressas no Brasil, modernizando a Força Pública de São Paulo. Foi acordado, então, o envio de uma missão militar de instrução para fins de modernização e adestramento do Exército brasileiro no que havia de mais recente em matéria de doutrina e tecnologia militar. A observação da 1ª Guerra Mundial por adidos brasileiros havia ocasionado grande consternação no meio militar do país, em razão do abismo que separava a força militar brasileira de suas semelhantes na Europa (João Rafael Gualberto de Souza Morais, 2016, p.60)

Com o início da Segunda Guerra Mundial a doutrina francesa caiu por terra e a mais nova tática era a *Blitzkrieg*, a chamada guerra relâmpago que unia ataques de blindados e infantaria de modo rápido, com apoio aéreo, evitando assim que o inimigo tivesse tempo para se organizar.

A *Blitzkrieg* foi o ponto culminante de um processo de evolução nas doutrinas de ataque em decorrência da necessidade imposta pelo desenvolvimento tecnológico observado a partir da metade do século XIX. Deste processo, surgiram inovações militares que fizeram do campo de batalha uma tormenta de fogo. A metralhadora, o shrapnel, a artilharia de retrocarga, com calibres cada vez maiores, dentre outras inovações, criaram inúmeros desafios para as operações ofensivas, que culminaram no icônico impasse da Frente Ocidental entre 1914 e 1918.

A essência da *Blitzkrieg* visava não apenas o choque e a destruição das forças físicas do inimigo, mas também o seu moral. Essa, talvez, seja a característica mais proeminente dessa doutrina e remonta a concepções antigas, baseadas nas manobras de envolvimento anteriores às guerras de

atrito ocorridas no período compreendido entre a segunda metade do século XIX e a 1ª Guerra Mundial. É uma forma de travar a guerra que visa, também, atacar o psicológico do adversário, levando sua defesa ao caos, evitando ao máximo o atrito.

A Blitzkrieg funciona por meio de uma série de incursões de reconhecimento, cujo objetivo essencial é identificar os pontos fortes e fracos da frente inimiga. Quando tais pontos estão claros, é iniciada a investida principal, realizada com todos os meios disponíveis contra as posições de maior vulnerabilidade do inimigo, liderada por forças poderosas, como uma unidade blindada. Essa doutrina de ataque repousa na ideia do fogo concentrado e pontual, dentro de uma concepção de mobilidade inerente à operação como um todo. O ataque deve ser lançado com grande apoio da aviação, e à artilharia cabe oferecer apoio complementar. Tanto o apoio da artilharia como o da força aérea devem visar alvos tanto materiais quanto psicológicos.

Na última fase, as divisões que não tomaram parte no rompimento, como a infantaria motorizada, atacam e ocupam as posições abertas pela vanguarda do ataque, aproveitando a confusão do inimigo para cercá-lo, permitindo, desta feita, que as unidades avançadas mantenham o ímpeto ofensivo (GIBELLI, 1966, p. 4)

O Brasil então inseriu a influência norte-americana nas forças armadas durante a Segunda Guerra, criando a FEB que iria intensificar as trocas de experiências entre as forças americanas e brasileiras.

Não obstante se possa constatar a permanência da influência francesa para além do fim da MMF, constitui fato histórico a inserção da influência norte-americana a todo vapor nas forças armadas brasileiras durante a Segunda Guerra. A partir de 1942, com a configuração da aliança militar com aquela nação, os militares brasileiros começam gradativamente a se inteirar sobre os processos e métodos das forças norte-americanas. Nesse mérito, a criação da Força Expedicionária Brasileira serviria, ainda, para intensificar o intercâmbio ao colocar, lado a lado, oficiais dos dois exércitos nos procedimentos de treinamento e equipagem da divisão brasileira para atuar nos campos de batalha da Itália. (GUALBERTO, 2016, p.64)

4.A COMPLEXIDADE DO COMBATE EM ÁREA EDIFICADA

O combate em ambiente urbano tem seu início fundado no próprio surgimento das cidades. Como já dizia Sun Tzu “a pior política é atacar uma cidade fortificada”. Foi na Segunda Guerra que as batalhas urbanas começaram a ter mais importância por causa da crescente urbanização e junto disso vieram a mudança de táticas, técnicas, procedimentos e materiais o que aumentou a criatividade para novas doutrinas de emprego (ECEME, 2011, p.1-2).

As batalhas enfrentadas pela FEB na Itália, principalmente em Monte Castelo, tiveram algumas características do combate urbano já que se tratavam de localidades com

diversas edificações o que aumenta o risco e os fatores determinantes de decisão para as tropas envolvidas.

Figura -1 Esqd Rec/1ª DIE adentra em Montese, após a conquista da localidade



Fonte: Moraes (2005)

A Segunda Guerra marcou a mistura de combate convencional em ambiente rural com o combate urbano, o qual contém algumas características únicas e que tornam os embates mais complexos. “A interação desses três elementos-chave (terreno, sociedade e infraestrutura) gera o Ambiente Urbano” (ECEME,2011, p.1-5)

Quadro 1 - Diferenças entre o ambiente operacional urbano e outros tipos de terreno

Características / Ambiente Operacional	Área urbana	Deserto	Selva	Montanha
Número de não combatentes	<i>Alto</i>	<i>Baixo</i>	<i>Baixo</i>	<i>Baixo</i>
Quantidade de infraestrutura de valor	<i>Alta</i>	<i>Baixa</i>	<i>Baixa</i>	<i>Baixa</i>
Campo de batalha multidimensional	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Algum</i>	<i>Sim</i>
Regas de engajamento restritivas	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>
Alcance de observação, detecção e engajamento	<i>Pequeno</i>	<i>Grande</i>	<i>Pequeno</i>	<i>Médio</i>
Vias de acesso	<i>Muitas</i>	<i>Muitas</i>	<i>Poucas</i>	<i>Poucas</i>
Liberdade de manobra – forças mecanizadas	<i>Pequena</i>	<i>Grande</i>	<i>Pequena</i>	<i>Média</i>
Funcionalidade das comunicações	<i>Degradada</i>	<i>Normal</i>	<i>Normal</i>	<i>Degradada</i>
Requerimentos logísticos	<i>Grandes</i>	<i>Grandes</i>	<i>Médio</i>	<i>Médio</i>

Fonte:ECEME,2011

Depois da Segunda Guerra o Brasil começou a criar uma doutrina própria voltada para o combate urbano já que tinha visto a importância desse tipo de embate, então foram criadas técnicas, táticas e procedimentos e procedimentos operacionais padrões que até hoje são constantemente atualizados e passados aos militares. Hoje vemos também sendo muito empregadas as Operações de Garantia da Lei e da Ordem, que se diferem das Operações em Área Edificada pela questão da primeira ser no contexto de Não Guerra, porém tem muitas características parecidas por se tratar de um ambiente urbano e que hoje tem como escola o Centro de Instrução de Operações Urbanas(CIOU) e são extremamente utilizadas por todas as tropas do Brasil, independente da Arma ou da região do Brasil, vemos exemplos disso nas Intervenção Federal que ocorreu no Rio de Janeiro, nas greves dos presídios que ocorreram em várias áreas do país, entre outras ações que necessitavam dos ensinamentos de combate em área edificada para o êxito da missão e a realização de diversos tipos de missões que vão desde investimentos em localidade até negociação.

Além do próprio combate a área edificada em Situação de Guerra tem diversas observações legais previstas nos Direitos Humanos e na Situação de Não Guerra ainda contamos com outros amparos legais, já que tem que ser embasada em uma Regra de Engajamento, aumentando assim o nível de dificuldade e estresse dos militares durante as ações nessas áreas.

As regras de engajamento devem ter suas orientações gerais elaboradas no nível estratégico, uma vez que neste nível há uma perfeita compreensão dos possíveis efeitos colaterais provocados por ações no nível tático. Além disso, o adestramento das regras de engajamento deve incluir significativas e periódicas mudanças para testar e desenvolver a flexibilidade e adaptabilidade dos militares para uma operação fluída. (ECEME,2011, p.1-4)

Hoje temos a Nota Escolar de Operações em Ambiente Urbano e outros diversos artigos que demonstram como a doutrina evoluiu e a importância de um exército moderno desenvolver suas capacidades nessa área.

O ambiente operacional urbano apresenta características únicas que interferem sobremaneira nos sistemas de armas e na organização tática das frações. Combater com eficiência em uma área de operações urbana tornou-se uma das capacidades que devem ser desenvolvidas pelos exércitos modernos. (ECEME,2011, p.1-3)

Atualmente, vemos a importância que diversos aspectos devem ser considerados a começar pela diferença entre a área urbana e o ambiente urbano.

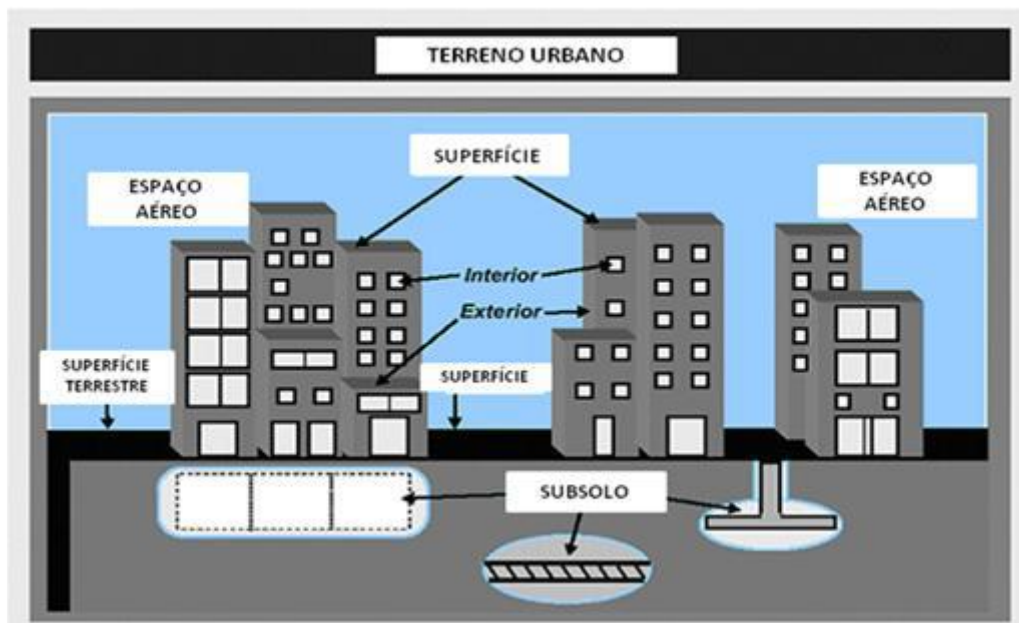
Ao conceituar operações urbanas, os comandantes devem entender dois termos importantes: área urbana e ambiente urbano. O primeiro é um subconjunto do segundo. O ambiente urbano inclui os aspectos físicos da área urbana e também a interação complexa e dinâmica entre as suas componentes chaves – o terreno, a população e a infraestrutura – considerando-os como uma rede de sistemas sobrepostos e interdependentes. A área urbana é um complexo topográfico em que a existência de edificações ou uma alta densidade de população é o atributo dominante. (ECEME,2011, p.2-1)

No tocante aos aspectos físicos as áreas urbanas têm diversas peculiaridades.

As áreas urbanas revestem-se de características peculiares, que fazem delas um ambiente operacional totalmente diferenciado. As construções, contendo estruturas resistentes de alvenaria, de concreto armado e aço, modificadas para fins defensivos, assemelham-se a posições defensivas fortificadas, sendo que, se reduzidas a escombros mantêm seu valor defensivo e, ainda, dificultam o emprego de tropas motorizadas, mecanizadas ou blindadas.

As características multidimensionais do terreno influenciam o desenvolvimento das operações. Os comandantes devem se preocupar não apenas com a superfície e o espaço aéreo. Em ambiente urbano, é preciso incluir as áreas sobre a superfície e o espaço subterrâneo. Embora separadas no espaço físico, cada área pode ser usada como uma via de acesso ou corredor de mobilidade, linha de comunicações ou área de engajamento. (ECEME,2011, p.2-3)

Figura 2: Subdivisão de uma área urbana



Fonte: ECEME (2011)

Uma das características que traz mais problemas no ambiente operacional urbano é o Aspecto Humano (População).

Os mais complexos problemas dos ambientes operacionais urbanos estão diretamente relacionados à população. Mesmo em um cenário onde a população seja amigável ou indiferente, a sua presença já implica em graves restrições, caso venham a ocorrer contatos com o inimigo. Por outro lado, separar os civis hostis daqueles não combatentes reveste-se de uma dificuldade ímpar seja como um instrumento tático ou estratégico. "Ganhar corações e mentes" permanece sendo prioridade absoluta, porém, frequentemente, de difícil consecução (ECEME,2011, p.2-7)

Por isso a importância das Operações de Informação que, segundo o Manual de Operações (2017) consiste basicamente em informar e influenciar indivíduos, apoiando assim outra operação.

A Operação de Informação consiste na atuação integrada das capacidades relacionadas à informação (CRI), em conjunto com outros vetores, para informar e influenciar grupos e indivíduos. Protege o ciclo decisório da Força, afetando o do oponente. Além disso, visa a evitar, impedir ou neutralizar os efeitos das ações adversas na dimensão informacional.

As CRI contribuem para a condução das operações de informação (Op Info), destacando-se: comunicação social (Com Soc); operações psicológicas (Op Psc); guerra eletrônica (GE); guerra cibernética (G Ciber); e inteligência (Intlg). Além destas, outros recursos, como assuntos civis, também estão relacionados às Op Info (BRASIL,2017, p 4-5)

Por não se tratar de um ambiente comum de guerra, para desencadear uma operação em ambiente urbano deve sempre haver uma corrente avaliação de risco.

Há várias considerações que podem tornar uma operação em ambiente urbano desnecessária, injustificável e ineficiente. Para se determinar a real necessidade de uma operação em ambiente urbano, o comandante e seu estado-maior devem considerar os riscos e ponderá-los com os benefícios da missão.

Quanto ao poder de combate, os comandantes devem avaliar se eles dispõem de efetivos e meios suficientes para conduzir apropriadamente e com riscos aceitáveis a operação urbana em planejamento. Em circunstâncias normais, os grandes centros urbanos requerem grandes efetivos tão somente para estabelecer o controle. Nota Escolar c. No que se refere à natureza da tropa, as operações urbanas exigem elevado efetivo de infantaria a pé, adestrada neste tipo de operação. Além disso, requer tropas especiais, tais como as forças especiais, elementos de Op Psc, Com Soc e assuntos civis. Ademais, as Op Mil Ambi Urb exigem organização por tarefas, formação de forças tarefas e uma operação sinérgica de todos os sistemas operacionais e das forças singulares.

Por sua vez, o número de baixas em ambiente urbano é muito elevado, principalmente para o atacante. Esta característica induz a necessidade de contar com uma oportuna e adequada estrutura de evacuação médica. Caso o estado-maior e o comandante concluam que o risco de baixas é muito

elevado, essa informação deve ser repassada ao escalão superior para que seja, na medida do possível, redimensionada a operação.

A munição e o equipamento têm grande relevância na avaliação do risco. As forças podem utilizar munições de precisão, contudo, há um aumento significativo do consumo de munição, em especial, granadas (fragmentação, fumígenas e lacrimogêneas); munição de morteiros (devido a sua cadência de fogo, capacidade de resposta e elevado ângulo de tiro); explosivos e munição para armas portáteis. Para as operações de estabilidade e apoio, é necessário que sejam disponibilizadas maior volume de equipamento e munições não-letais para o controle de distúrbios.

Ainda com relação ao equipamento, as operações urbanas podem exigir outros equipamentos especiais, tais como fuzis para caçadores, escadas e ascensores, proteção para joelhos e cotovelos e explosivos plásticos para as portas. Portanto, no processo de avaliação de risco o comandante deve identificar a capacidade logística para apoiar as operações.

Em se tratando de efeitos colaterais, os comandantes devem realizar um minucioso estudo dos riscos para a população local e para as infraestruturas. Os danos colaterais podem influenciar a opinião pública interna e internacional, afetando as operações futuras. Isso também influencia o ambiente pós-conflito, bem como a atitude da população local.

A densidade populacional e a multidimensionalidade do ambiente tornam mais provável que os não-combatentes sejam vítimas, ainda que se utilize munição com elevado grau de precisão ou mesmo guiadas. Efeitos colaterais inevitáveis de grande magnitude são suficientes para inviabilizar uma operação urbana. Embora a destruição de uma área urbana possa trazer a vitória tática, poderá afetar negativamente os objetivos nacionais estratégicos.

Com relação ao tempo e à duração de uma operação em ambiente urbano, os comandantes devem analisar o tempo necessário para alcançar o êxito. Uma operação urbana pode demandar tempo e requerer uma grande quantidade de recursos. A densidade de uma área urbana pode ser um indicador do tempo necessário para a operação. Em princípio, uma operação urbana que demande muito tempo e atrase as operações futuras deve ser evitada.

Quanto às vulnerabilidades, o ambiente urbano faz crescer os riscos de fratricídio, bem como a possibilidade da força ser dividida e batida por partes. As causas do fratricídio podem ser procedimentais, técnicas ou a combinação de ambas. Podem ocorrer erros na identificação e na localização por falha de comunicações ou falta de entendimento da manobra; por falta de medidas de coordenação e controle adequadas; e pela imprecisão de armas e munições. A possibilidade de haver fratricídio pode inviabilizar uma operação, uma vez que quando ele ocorre decresce a confiança nos líderes, armas e equipamentos, o que pode levar a degradação da coesão e da moral da tropa. Nota Escolar.

Por fim, quanto à escalada, os comandantes e estados-maiores devem avaliar, especialmente nas operações de estabilização e apoio, os riscos de que o contato entre as forças militares e a população possa se tornar hostil, havendo conseqüentemente uma escalada na confrontação e na violência. Nestes casos, deve-se evitar o emprego de forças militares. (ECEME,2011, p.2-16)

Hoje com a presença da mídia no campo de batalha vemos a importância das Regras de Engajamento que vão nortear todo o comportamento da tropa perante as situações que podem acontecer, explicando com detalhes a conduta que deve ser tomada.

As diretrizes gerais das regras de engajamento devem ser preparadas no nível estratégico. Para se estabelecer regras coerentes é necessário que se tenha um entendimento global dos objetivos nacionais e estratégicos. Além disso, requer o conhecimento dos efeitos de uma operação urbana e das armas nela empregadas. Ressalta-se que as regras em termos de operações urbanas são bastante específicas e podem variar ao longo da operação.

É necessário considerar que regras de engajamento muito restritivas podem levar ao insucesso da operação e um grande número de baixas entre as tropas amigas. Por outro lado, regras permissivas podem levar a efeitos colaterais indesejáveis, cuja repercussão junto à opinião pública comprometeria a operação.

Ressalta-se que as regras de engajamento constituem-se em elementos essenciais de inteligência (EEI), devendo ser protegidas para evitar a exploração por parte do inimigo. Ademais, mesmo em operações urbanas limitadas, as regras de engajamento frequentemente mudam, o que exige planejamento e alerta antecipado.

Quanto ao inimigo, a sua natureza afeta as regras de engajamento. Os Comandantes precisam considerar o tipo de sistemas de arma do inimigo, o grau de preparação defensiva, a capacidade de atingir as vulnerabilidades do inimigo com armas de precisão, e a capacidade de distinguir combatentes de não-combatentes.

Em relação ao terreno, as regras de engajamento podem variar de acordo com os atributos físicos de uma área urbana. Os fatores físicos podem direcionar as regras de engajamento para evitar certos tipos de munições. Por exemplo, se as construções de um bairro são sensíveis ao fogo, as regras de engajamento podem restringir o uso de munições incendiárias nessa área. Além disso, caso haja em determinada área instalações com produtos químicos, biológicos ou nucleares nocivos, as regras de engajamento podem restringir a sua exploração pelo fogo ou movimento.

A elaboração das regras de engajamento exige uma profunda compreensão da população civil e da ameaça. O fator considerações civis engloba a dimensão social e humana do ambiente urbano, que afeta diretamente as regras de engajamento. Nesse sentido, são avaliadas a lealdade da população, sua participação nas atividades que afetam à operação, seu tamanho e localização física. Caso a população local apoie as forças amigas, provavelmente, as regras de engajamento serão mais restritivas do que às relacionadas às pessoas hostis. Em todos os casos, as regras de engajamento devem estar em conformidade com a lei dos conflitos armados.

A localização da população também afeta as regras de engajamento. A evacuação controlada de não-combatentes para áreas de segurança pode resultar em regras de engajamento menos restritivas. Uma população aliada, que permanece na área urbana durante a condução de uma operação na cidade, exigirá normalmente regras de engajamento mais rigorosas.

Finalmente, os comandantes devem considerar a infraestrutura urbana na elaboração das regras de engajamento. Uma infraestrutura urbana vital para as operações atuais ou futuras pode exigir um ajuste das regras. Algumas delas podem ser elaboradas para garantir que infraestruturas críticas permaneçam intactas durante a realização das operações (ECEME, 2011, p.2-18)

5. PREPARAÇÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO PARA AS ÁREAS EDIFICADAS DA ITÁLIA

5.1 Preparação dos pracinhas em solo nacional

A maior dificuldade enfrentada para o preparo dos pracinhas para combater na guerra foi a questão de moldar os militares à doutrina americana e não mais à doutrina francesa.

Sua organização, seus regulamentos e seus processos de combate eram baseados na chamada “escola francesa”. De repente, quase da noite para o dia, dentro da antiga moldagem e no quadro da doutrina gaulesa, surgiu a tarefa de constituir uma divisão de Infantaria, com a organização norte-americana. E, além disso, instruí-la e adestrá-la segundo os métodos, processos e meios norte-americanos. (MORAES,2005, p.27)

Outra dificuldade foi a questão da seleção física do pessoal, já que o soldado brasileiro não é parecido fisicamente com um soldado americano.

O brasileiro, de um modo geral, não é um homem robusto, embora seja resistente. A esse embaraço inicial adicionava-se a necessidade de uma seleção, visando à escolha de homens aptos para o combate em clima e ambiente totalmente diversos daqueles a que estavam habituados. A questão da robustez física do expedicionário era, em última análise, fundamental. Verificáramos, meditando sobre o feliz sucesso das então recentes operações extracontinentais, que os norte-americanos se adaptavam com certa facilidade a todos os climas. Qualquer fosse a área da Europa, África, Ásia e América, sob temperaturas elevadas ou intenso frio, realizaram satisfatoriamente as missões que lhes foram confiadas, sem visível perda de rendimento físico. Dessa meditação decorreu o ensinamento de que as ações militares contemporâneas repousam na constante robustez física dos homens. (MORAES,2005, p.28).

Vemos um trecho da obra do Marechal Mascarenhas que resume um pouco de como foi esquematizado o treinamento das tropas.

A preparação técnica e tática da 1ª DIE foi encarada pelo chefe expedicionário em dois ciclos bem diferentes: um treinamento inicial, modelado na instrução individual e a ser concluído em dezembro de 1943; e um “desenvolvimento geral da instrução”, abarcando dois períodos e objetivando o emprego de unidades constituídas.

Relativamente ao primeiro dos ciclos citados, a orientação do comandante da 1ª DIE atribuiu maior importância a tiro das armas, instrução física e marchas de treinamento.

Frequentes marchas de 32 km a pé, inclusive a Artilharia, e a ameados exercícios em pistas de treinamento especializado conseguiram melhorar o estado físico da tropa, proporcionando aos nossos homens um vigor muito acentuado. (MORAES, 2005, p.34)

Outras dificuldades que se somavam era a questão da insuficiência do material norte-americano entre os brasileiros e a inexistência de um uniforme adequado à Itália. (MORAES,2005, p.29).

A inclusão de órgãos regimentais e de comando nos regimentos de Infantaria também foi fator que dificultava a preparação da tropa, além da motorização dos elementos que exigia acrescentar nas fileiras do exército muitos especialistas na técnica de material. (MORAES, 2005, p.29)

5.2 Preparação dos pracinhas em solo italiano

Após desembarcar na Itália, houve a incorporação da 1ª DIE ao V Exército e poucos ganhos foram adquiridos no que tange ao adestramento e o principal motivo desse atraso foi a falta de material, então o foco já começou a ser os trabalhos para conservar a forma física dos militares.

Pouquíssimo se avançou no adestramento militar do primeiro escalão da 1ª DIE durante o seu primeiro mês de permanência no Teatro de Operações da Itália.

O obstáculo principal a esse desenvolvimento foi, como no Brasil, a falta de material de instrução.

Em todo caso, práticas desportivas, marchas de treinamento e sessões de ordem unida e de instrução geral foram realizadas nesse período de permanência em Bagnoli, com o objetivo de conservar a forma física dos homens e manter a disciplina e coesão da tropa. (MORAES, 2005, p.47)

A FEB se deslocou para a região de Vada, local que foi caracterizado pelo maior adestramento das nossas tropas, e assim começou período de instrução final e foi realizado o exercício teste de Vada.

A permanência dos brasileiros na área de Vada, desde os primeiros dias, caracterizou-se por uma intensificação de nosso adestramento.

Com esse avivamento de ritmo e produção, no que se refere particularmente à instrução de combate, objetivamos atender a uma próxima incorporação às forças do V Exército, que já se achava em linha.

Assim, iniciamos, em 23 de agosto, o período de instrução final, com duração de três semanas.

A instrução, já com a dotação completa de material, progrediu brilhantemente. Realizaram-se exercícios de combate em todos os escalões, inclusive de batalhão e de grupo.

Passou a funcionar, desde 26 de agosto, uma escola de motoristas.

Com o objetivo de propiciar aos elementos da tropa expedicionária, antes de serem engajados, o conhecimento do ambiente de combate correspondente às suas frações, o comando da 1ª DIE conseguiu autorização para que numerosos oficiais e praças do primeiro escalão de embarque estagiassem em unidades norte-americanas, empenhadas na frente do Rio Arno.

Logo depois, em 3 de setembro de 1944, o nosso chefe divisionário percorreu todo setor da 8ª DI norte-americana, visitando os postos e posições em que nossos expedicionários se situavam para efeito de estágio, colhendo

lisonjeira impressão do ânimo combativo de que todos se achavam possuídos diante do inimigo

Outros elementos nossos estagiaram proveitosamente na 85ª DI norte-americana.

Os últimos dias do período de instrução final foram vividos dentro do grande exercício de 36 horas, iniciado em 10 de setembro, o qual constituiu a recordação emocionante do acampamento de Vada.

Tal exercício contou com a desvelada assistência do comandante do V Exército, General Mark Clark.

Constituiu-se por uma marcha itinerária de 36 km e um importante e difícil exercício de combate, no qual se fez uso de abundante quantidade de munição de guerra.

Para acompanhar essa prova em todos os seus pormenores, foram destacados pelo IV Corpo de Exército cerca de 270 oficiais norte-americanos, investidos das funções de árbitros.

Esse “exercício-teste”, no qual tomaram parte mais de quatro mil expedicionários, constituiu quase um verdadeiro combate.

Quando concluído, ouviram-se os árbitros. Manifestaram eles o parecer de que os magníficos resultados, evidenciados nesse exercício, atestavam excelente grau de adestramento para o combate.

In continenti, o General Mark Clark felicitou o General Zenóbio da Costa e declarou o primeiro escalão de embarque apto para entrar em linha. (MORAES, 2005, p.53-55)

Mesmo com o ciclo de instruções incompleto, os guerreiros da FEB entraram no campo de batalha e por vezes tiveram seu adestramento dentro do campo de batalha.

Se em nossa pátria as dificuldades de organização, a seleção física, a escassez de material e fatores outros impediram que não alcançássemos os objetivos finais da instrução, na Itália o retardamento da entrega do material e as necessidades prementes da frente de combate forçaram a nossa DI a entrar em linha num estado de adestramento reconhecidamente incompleto.

Tais circunstâncias tornaram-na a única divisão a não ser submetida ao inalterável ciclo de instrução das grandes unidades norte-americanas.

Sobrevieram, sem dúvida, consequências imponderáveis na formação tática e psicológica de nossa tropa.

Completamos a nossa instrução em estreito contato com o inimigo senhor de vantagens topotáticas indiscutíveis.

Amargávamos, nessa aprendizagem, alguns reveses decerto inevitáveis.

Enfrentamos, como remate ao nosso adestramento, um inverno bem rude nas gélidas escarpas dos Apeninos.

Nessa conjuntura, a capacidade combativa da tropa brasileira adquiriu melhor têmpera.

Enquanto tal se processava na zona de combate, os contingentes destinados ao preenchimento de claros de nossa divisão, a cargo do Depósito de Pessoal da FEB, treinavam nos campos de Staffoli, segundo os métodos e processos norte-americanos.

As últimas refregas no talvez sercchirano e os recontros sangrentos do vale do Reno despertaram ensinamentos valiosos, que influíram sobre modo na moldagem do nosso combatente.

Tratou o comandante da Expedição Brasileira de tirar proveito dos instantes de relativa tranquilidade em seu setor, para fazer realizar sessões práticas de instrução à luz dos ensinamentos recém-recebidos. (MORAES, 2005, p.64-65)

Por fim, houve no decorrer de 1944 e 1945 mais uma intensificação no adestramento da tropa, principalmente no que tangia a capacidade ofensiva.

No decorrer do inverno de 1944-45, o comando brasileiro intensificou o treinamento de oficiais, fazendo realizar um ativo plano de instrução.

No período de estabilização que precedeu as operações de fevereiro de 1945, cuidamos de apurar a capacidade ofensiva dos comandos em todos os escalões. (MORAES, 2005, p.66)

6.COMPARAÇÃO AO MATERIAL

Nas diversas mudanças de que a FEB sofre podemos destacar a introdução de novos armamentos e equipamentos de comunicação.

Quanto às modificações a introduzir no equipamento dos corpos de Infantaria, relva citar que o armamento era desconhecido entre nós, tais como fuzil Garand, o morteiro de 60mm, a bazuca, a metralhadora leve, ponto trinta, o canhão anticarro de 57 mm e o obus de 105 mm. Além do armamento, as unidades de Infantaria não conheciam os aparelhos de radiofonia, telefonia e radiotelegrafia, tudo reclamando, além da robustez física indispensável, a formação de equipes homogêneas e o conhecimento individual da técnica de manejo e emprego. (MORAES, 2005, p.30)

Seguem as imagens de alguns armamentos introduzidos na FEB, citados no livro A FEB pelo seu Comandante.

Figura 3:Fuzil Garand



Fonte: Página sobre Segunda Guerra Mundial (2019)

Podemos comparar o Fuzil Garand com o nosso atual Fuzil de Assalto Leve (FAL), o primeiro tinha cadência de 500 tiros por minuto, alcance máximo de 457m e comportava até 20 munições com carregador destacável, já o FAL tem cadência de 600 a 1000 tiros por minuto e seu carregador pode conter até 20 munições, ambos armamentos tinham o mesmo calibre 7,62.

Figura 4: Morteiro 60mm



Fonte: Página sobre a Segunda Guerra Mundial (2019)

O Morteiro 60 mm ainda continua em utilização no nosso exército como peça orgânica da Infantaria Leve do Brasil, com alcance máximo de 2050 metros, tipo portátil e emprego coletivo.

Figura 5: Lança-Rojão 2.36 pol. M9A1(Bazooca)



Fonte: Página sobre a Segunda Guerra Mundial (2019)

O Lança-Rojão 2.36 pol., mais conhecido como Bazuca, é um armamento que tem como sucessor o Canhão Sem Recuo 84mm (CSR 84). A Bazuca tem alcance útil de 270 metros e comprimento de 155cm, já o CSR 84 tem alcance útil que varia de 300 a 2100 metros, dependendo do tipo de munição e comprimento de aproximadamente de 106 cm.

Figura 6: Metralhadora Browning M-919



Fonte: Página sobre a Segunda Guerra Mundial (2019)

A Metralhadora Browning M-1919, mais conhecida como ponto trinta, ainda é usada no nosso exército tem alcance máximo de 1400 metros e uma cadência de tiro de 400 a 600 tiros por minutos, porém na época possuía uma cadência de 250 tiros por minuto

6 CONCLUSÃO

Nossa pesquisa teve como objetivos analisar como se deu a mudança de doutrina do Brasil antes da 2ª Guerra Mundial, analisar como ocorreu a preparação dos pracinhas para os combates na Itália, comparar aspectos como material e equipamento, técnicas, táticas e procedimentos e adestramento da tropa brasileira no combate em ambiente urbano na 2ª Guerra Mundial e atualmente.

Os resultados encontrados revelam a que houve diversas dificuldades na preparação técnica e material dos militares brasileiros para os embates na área urbana na Segunda Guerra Mundial, porém foram nos combates em área edificada da Itália que foram colhidos ensinamentos e a partir daí começaram a perceber a importância de uma doutrina que melhor preparasse o soldado para este ambiente complexo e mesmo com todas os problemas o Brasil mostrou o seu padrão e ajudou a libertar os cidadãos italianos das mãos dos Alemães.

Observamos que a relevância do assunto tem criados novas doutrinas que cada dia mais se especializam e aumentam a carga horária nas matérias que desenvolvem a área urbana, hoje, por exemplo já vemos que as OM que mais são empregadas em Operações em Área Urbana, no contexto de Não-Guerra, já tem na formação do seu recruta um exercício de campo no qual são tratadas situações que envolvem o contato com a população e diversas outras características do ambiente urbano e já no primeiro ano da formação do soldado, já consegue selecionar aqueles que são mais aptos para a atividade, mostrando assim uma melhoria para o processo de seleção de homens que ocorreu no Brasil na preparação para

formar a FEB, ou seja, no caso de uma guerra já teríamos homens que estariam em condições de combater em um ambiente complexo como o urbano.

Verificamos que o armamento utilizado pelo Brasil nas áreas urbanas da Segunda Guerra Mundial foi substituído, na sua maioria, por outros que apresentam melhor desempenho nesse ambiente, como o PARA-FAL que tem seu peso e tamanho diminuídos para melhor se adaptar tanto ao ambiente rural, com o seu calibre 7,62 que pode suportar condições externas extremas, quanto ao ambiente urbano que com seu menor tamanho do cano facilita nas entradas táticas em casas de uma localidade.

Por fim verificamos que a evolução das Técnicas, Táticas e Procedimentos, somada às novas tecnologias e às experiências na área urbana fazem do Brasil, hoje, um país que tem seu exército pronto para o emprego em área edificada.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. Cadeira de Metodologia da Pesquisa Científica. **Manual de metodologia de pesquisa científica**. Resende: Acadêmica, 2013.

ALMEIDA, Coronel Adhemar Rivermar de. **Montese: Marca gloriosa de uma trajetória**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1985.

BELOTTO, Caio; ROCHA, Bruno; VAUCHER, Rodrigo. **OS 70 ANOS DO “BATISMO DE FOGO” DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NO TEATRO DE OPERAÇÕES DO MEDITERRÂNEO. DO ÍNICIO AO FIM, A ESQUECIDA HISTÓRIA DOS BRASILEIROS NOS CAMPOS DA ITÁLIA**. Faculdade Assis Gurgacz. Cascavel PR, 2014.

BRASIL. Ministério da Defesa. **EB70-CI-11.408: CADERNO DE INSTRUÇÃO O PELOTÃO DE FUZILEITOS NO COMBATE EM ÁREA EDIFICADA**. Brasília: EGGCF, 2017

BRASIL. Ministério da Defesa. **EB70-MC-10.223: Operações**. Brasília: EGGCF, 2017

BROWNING M1919. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Browning_M1919>. Acesso em 23 mai. 2019

DE MATOS, Tcl Roberto Adriano Dorneles. **COMBATE URBANO: REALIDAD CRESCIENTE EN LOS CONFLICTOS BÉLICOS**. Santiago del Chile, 2011.

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **Nota Escolar – OPERAÇÕES EM AMBIENTE URBANO**, 1ª Edição 2011

ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO [EME]. Instruções Provisórias **IP 90-1 – CANHÃO SEM RECUO 84 mm (CSR 84 mm) - CARL GUSTAF**, 1ª Edição, 1998.

LUIZ, André. **ARMAS DA FEB NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**. Disponível em: <<http://segundaguerra.net/armas-da-feb-na-segunda-guerra-mundial/>>. Acesso em: 23 mai. 2019

MORAES, J B Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2005

MORAIS, João Rafael Gualberto de Souza; Alves, Vágner Camilo. **DA INFLUÊNCIA FRANESA À NORTE-AMERICANA: ANÁLISE DA BLIETZKRIEG NA REVISTA NACIONAL (1936-1944)**. Coleção Meira Matos, Rio de Janeiro, v.10, n.37, p.59-70, 1 jan./abr.2016

RODRIGUES, Agostinho José. **Terceiro Batalhão: O Lapa Azul**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1985.